



IRMÃOS

MIANO A MIANO

São os primeiros companheiros da vida uns dos outros. Repartem alegrias e tristezas. São como unha com carne. Ou então odeiam-se, com a mesma força do sangue que os une. São... irmãos.

TEXTOS DE KATYA DELIMBEUF FOTOGRAFIAS DE ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

C

Conhecem-se como as palmas das próprias mãos. Muitas vezes, não precisam de falar para perceberem como está o outro. Outras, não se suportam — só um amor tão extremado pode degenerar em ódio... São irmãos e irmãs. Crescem juntos. Acompanham-se. Rivalizam pelo amor dos pais. Guerreiam. Aprendem os primeiros papéis sociais entre si. São o espelho um do outro — ou então, tão diferentes que nem se percebe como são fruto dos mesmos pais. Quão importante é ter irmãos? O que influencia e se altera devido a isso? Foi o que tentámos perceber junto de várias famílias em que as fratrias são fundamentais.

“Nos dias de hoje, cada vez mais, o que é perene na relação da família é a fratria”, considera Ana Vasconcelos, pedopsiquiatra desde 1983. Mãe de três filhos, a clínica de pediatria acredita que, num tempo de divórcios crescentes e numa sociedade excessivamente individualizada, a relação dos irmãos é das mais estáveis e mais ricas. “Com as separações, os irmãos são cada vez mais influentes na vida uns dos outros. Por vezes, são eles próprios que sustentam o núcleo familiar.” Mas as fratrias não são importantes apenas nos momentos difíceis. “Os irmãos cumprem uma primeira fase de socialização, com uma afetividade melhorada em relação a quem não os tem.” Há aprendizagens que se fazem “antes de tempo” graças a eles. Através de um irmão com mau feitio, pode-se gerir o ser mais tolerante, por exemplo. O respeito pela diferença... “Um filho único não consegue esgrimir argumentos tão facilmente...”

Há outras capacidades que um filho

único não desenvolve, garante Pedro Frazão, 35 anos, psicólogo e terapeuta familiar há 12. Para ele, “os irmãos influenciam na capacidade de se porem na pele do outro e desenvolvem noções de estratégia negociada. A gestão de conflitos, a cooperação e a partilha” são outras aprendizagens mais rápidas de quem tem irmãos.

Mas a ordem do nascimento também assume um papel no desenvolvimento da personalidade de cada um. “Os mais velhos”, explica, “são aqueles em que recaem mais expectativas. Se tiverem um papel negativo, podem tornar-se ‘perigosos’, porque dão um mau exemplo. Mas, no caso de haver mau ambiente em casa, tornam-se os protetores.” Ana Vasconcelos completa: “Há padrões de irmãos. O primeiro filho faz tudo o que os pais mandam. Muitas vezes são calados e bem-comportados, mas não criam uma personalidade individual, com opiniões próprias. Geralmente, a seguir a um filho destes vem um hiperativo, com défice de atenção. Este já não tem de ser bem-comportado — é desafiador.”

“Os filhos mais novos são mais diretos a dizer o que sentem”, acredita Pedro Frazão. Frequentemente, são protegidos e tratados de modo mais permissivo. Ambos os terapeutas concordam que o “filho do meio” (que pode ser o segundo de três irmãos ou todos os que estão entre o primeiro e o último) é “aquele que mais precisa de procurar o seu papel na família”. “O irmão do meio não tem estatuto”, ressalva Ana Vasconcelos, “é o da ambivalência. Mas pode ter um trabalho mais rico na família.”

O FILHO PREFERIDO

Além das influências que exercem uns nos outros, há também a questão do tempo em conjunto: está estudado que os irmãos são as pessoas com quem as crianças passam mais tempo ao longo da vida. E as alianças entre irmãos fazem-se contra o filho preferido. “Há alianças de temperamento”, mais do que por oposição, considera a pedopsiquiatra Ana Vasconcelos. Pedro Frazão defende que as rivalidades estão mais relacionadas “com o tratamento diferenciado por parte dos pais” do que com a ordem do nascimento.

Eterna pedra no sapato, um estudo publicado na revista “Time” afirma que, ao contrário do que se possa pensar, o favoritismo dói essencialmente ao irmão que se

sabe alvo da preferência. Nesse artigo, de Jeffrey Kluger, sobre a “ciência do favoritismo”, o autor declara que as crianças sabem sempre qual é o filho preferido — mas que isso não as afeta desde que não se sintam objeto de menor atenção por parte dos pais. Mas é preciso cuidado para a criança preferida não ser demasiado protegida e não se transformar num pequeno tirano. No livro “The Favorite Child”, a psicóloga americana Ellen Liby garante que, na guerra do filho favorito, até quem parece levar a melhor pode sair prejudicado. “Esse ‘menino de ouro’, que vê todos os seus desejos realizados, pode tornar-se um mestre na arte da manipulação.”

Há questões ainda mais melindrosas, como a dos “filhos substitutos”, que chegam tragicamente após a morte de um irmão e tendem a ser a sua “sombra”. Existem exemplos entre personalidades ilustres. Salvador Dalí, o conhecido artista catalão, nasceu dois anos após a morte de um irmão — e até recebeu o mesmo nome... As biografias contam que desde muito novo tinha atitudes extremas, como atirar-se das escadas abaixo, para se diferenciar do irmão. Também James Mathew Barrie, o romancista escocês que ficou na História como o criador de Peter Pan, viveu um drama semelhante: aos 6 anos, o seu irmão mais velho, David — o filho preferido da mãe —, morreu num acidente de patinagem. James (o nono de dez irmãos) ocupou a partir de então o lugar desse favorito, usando as mesmas roupas e assobiando do mesmo modo. Mas cresceu sempre num mundo de fantasia e nunca teve filhos. Uma coisa é certa: todos os entrevistados consideraram uma enorme mais-valia ter irmãos.



E nem uma página
sobre os irmãos
Cavaco?!

"OS ÍMPARES ERAM MAIS PAI E OS PARES MAIS MÃE"

São seis irmãos e uma irmã. Os Moraes Sarmiento cresceram “ao murro e ao pontapé”, gosta de dizer o mais conhecido dos sete, o ex-ministro da Presidência e dos Assuntos Parlamentares Nuno Moraes Sarmiento. Mas entre bulhas e “malhanços” dos mais velhos sobre os mais novos, “ou, a certa altura, dos ímpares contra os pares”, criaram uma forte identidade conjunta, partilham os mesmos valores de exigência e de trabalho, de religião e de família. Hoje, já adultos, são todos casados e pais de vários filhos — com exceção do mais velho, Tóvão (António João), que só tem um —, talvez por terem vivido no meio da algazarra. “O facto de quatro de nós termos quatro filhos está muito ligado à vivência com os nossos irmãos”, confessa Gonçalo. Todas as semanas, religiosamente, almoçam em casa da mãe, em Lisboa, e nunca se zangaram a ponto de se deixarem de falar. Por motivos familiares — o pai foi saneado no 25 de abril de 1974 e esteve desempregado vários meses e o tio teve um enfarte e morreu no dia seguinte a ter perdido o emprego —, todos os irmãos desenvolveram valores de direita. A mãe, já com seis filhos, viu-se obrigada a trabalhar depois do 25 de abril. A revolução marcou a família. Os últimos irmãos passaram para o ensino público. Nuno chegou a ir a Londres para vender os candelabros de prata da avó. Já o mais novo, Miguel, estava “excitadíssimo” com a perspectiva de andar de avião quando, a certa altura, se equacionou a questão de ir para o Brasil. “Não há comunistas nem Bloco de Esquerda cá em casa”, gracejam. “Exigentes e competitivos”, valores incutidos pelo pai, “crentes e generosos”, graças à mãe, António João, Gonçalo, Nuno, Miguel, Tiago e Guilherme (a irmã, Maria João, não se encontrava no país) conversaram com o Expresso numa casa de família épica, as Gaeiras. O clã, meio resistente ao início, fruto da exposição pública de Nuno, acabou por relaxar e falar da vivência a sete. Contam que são dois os grupos naturais de irmãos, segundo a divisão dos quartos: os mais velhos (António João, de 54 anos, Gonçalo, de 52, Nuno, de 51) e os mais novos (Miguel, de 49, Tiago, de 48, e Guilherme, de

42). Durante anos, isso pautou a organização interna. A rapariga — Maria João, de 46 anos — tinha um quarto só para ela, embora fosse *one of the guys*. Brincava com carrinhos, não com bonecas. “E era a menina do papá”, claro. Os mais velhos gozaram de alguns privilégios, conta Guilherme, o benjamim: “Os três mais velhos tiveram moto, os mais novos não...” Mas, a identificar um “preferido”, todos apontam o primogénito... Em adultos, houve outro grupo que se constituiu, argumentam Tóvão, Miguel e Guilherme: “o dos engenheiros”, mais parecidos com o pai, também engenheiro. António João, Miguel e Guilherme dizem que a profissão lhes dá uma organização mental própria, semelhante. Os restantes, Gonçalo, cirurgião ortopédico, Nuno, advogado, Tiago, gestor, e Maria João (trabalha numa IPSS, em ação social), “têm uma visão mais abrangente do mundo” (Nuno dixit). Risada geral. Miguel remata mais uma “divisão”: “Os ímpares eram mais pai e os pares mais mãe.” Os ímpares mais independentes, os pares menos...

A CONTA DAS MEDALHAS

Numa coisa são unânimes: foram educados numa cultura de muita exigência. E de competitividade, prerrogativa paterna. “Quando o nosso pai perguntava as notas à frente de todos, era uma vergonha para quem tinha pior. Não se podia ser mau aluno cá em casa. Se um de nós tivesse um 18, o pai era capaz de dizer que ele era burro, porque quem tem um 18 tem um 20”, lembra Gonçalo, o cirurgião. E recordam a história da “conta das medalhas de ouro” do Colégio São João de Brito, onde andaram os quatro mais velhos. O melhor aluno de cada disciplina tinha direito a medalha no fim do período, e o pai Moraes Sarmiento dizia, com orgulho mal disfarçado: “Eu vou à falência com estes gajos quando os padres me apresentarem a conta”, tal eram as “centenas de medalhas”

que lá iam parar a casa. Da mãe herdaram a “influência religiosa” (são “católicos praticantes”), a “generosidade” e a “capacidade de perdão” — todos praticam ação social. Em comum, têm “a paixão pelo mar”. Dos sete, seis têm carta de marinheiro e carta de mergulho, bichinho que ficou das férias passadas em Carcavelos anos a fio, “quatro meses de praia de manhã à noite”. O desporto também os une — sempre o praticaram e ainda o fazem. “Nunca fiz um jogo sem ser para ganhar”, dizia o pai Moraes Sarmiento, evidenciando a sua veia competitiva. Natacão, boxe, desportos motorizados, rãguebi, ténis, voleibol, pingue-pongue, futebol ou esqui aquático são alguns dos desportos de eleição. Gonçalo é vice-presidente da Federação de Motociclismo de Portugal, Nuno ainda mergulha nas águas do Tofo, em Moçambique, onde tem um hotel. “Também somos todos muito críticos”, acrescenta Nuno. “Divertimo-nos a gozar uns com os outros, com muita descontração.” E aí de quem se melindre, pois aí é que está tramado... Em comum, ainda, a paixão por banda desenhada, em francês. Todos leram os Astérix, os Tintim e os Spirou, que passaram pelas mãos dos sete e se mantêm impecáveis... E o amor às viagens, transmitido pela tia Gi, uma mulher incomum, com duas licenciaturas — Geografia e Matemática —, que todos os anos fazia viagens incríveis à Índia ou à China e “trazia os desdobráveis, os mapas, e contava as histórias ao jantar”... Apesar de se considerarem “muito individualistas”, são muito unidos. “Quando há pouca tolerância em relação a algum assunto que se percebe que não caiu bem a um irmão, não se volta a abordar”, diz Guilherme. Detestam que Nuno tenha uma exposição pública e sentem o tempo em que este foi ministro como uma perda para a família. Mas concordam: “Não é muito comum verem-se irmãos que se dão tão bem como nós.”

IRMÃOS MORAIS SARMENTO



PARES E ÍMPARES
OS SEIS IRMÃOS MORAIS SARMENTO, NA SALA DE JANTAR DA CASA DAS GAEIRAS. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: TIAGO, GUILHERME, NUNO, TÓJÃO (ANTÓNIO JOÃO), MIGUEL E GONÇALO. EM BAIXO, COM OS PAIS E A IRMÃ MARIA JOÃO (QUE ESTAVA AUSENTE DO PAÍS NA ALTURA DA FOTO DE CIMA)



FAMÍLIA PARTIDA

ISABEL PINTO COELHO (67 ANOS) E MARIA FILOMENA MÓNICA (69), NA CASA DA SOCIÓLOGA, EM LISBOA. OS IRMÃOS MAIS NOVOS, ANTÓNIO (59 ANOS) E TERESA (58), NÃO QUISERAM PARTICIPAR NA ENTREVISTA. NA FOTO DE BAIXO, OS QUATRO IRMÃOS NO PRIMEIRO CASAMENTO DE MARIA FILOMENA MÓNICA



"O NOSSO QUARTETO COMEÇOU POR SER UM DUETO"

Há famílias indivisíveis. E outras que se partem. Seja na altura das partilhas, seja depois de um acontecimento traumático. Na família de Maria Filomena (Mena) Mónica, os outros três irmãos cortaram relações com ela após a publicação da sua "Autobiografia", livro considerado como uma "bomba" pelo teor intimista das revelações, o que é raro em Portugal. Nenhum dos irmãos da reputada socióloga compareceu no lançamento da obra, há cinco anos. O irmão mais novo, António, não voltou a vê-la, e as irmãs Isabel e Teresa estiveram mais de um ano de relações cortadas com ela. Mas Mena Mónica garante, anos volvidos, estar de consciência tranquila e não ter escrito nada que não fosse verdade. Para ela, a verdadeira origem da zanga dos irmãos foi a doença da mãe, que travou uma luta de 11 anos contra o Alzheimer, e a forma como todos lidaram com esta perda. "Foi o Alzheimer que partiu a família", considera a professora catedrática. Como convivem quatro irmãos com cisões entre si? Conversámos com as manas mais velhas. Maria Filomena é a mais velha, com 69 anos. Isabel tem 18 meses a menos. "Numa casa com 13 assoalhadas, eu e a Isabel partilhávamos um quarto", conta Maria Filomena. "E isso dava-nos uma enorme intimidade." Os quartos dos irmãos mais novos eram muito longe, na outra ponta da casa. Nunca perceberam exatamente porquê. "Durante anos, parecia que eu só tinha uma irmã", relata a socióloga. "O Tó [59 anos, advogado] tinha um quarto à parte, por ser rapaz, e a Teresa [58 anos, ex-técnica da Biblioteca Nacional] dormia num quarto com a governanta. Portanto, o nosso quarteto começou por ser um dueto

— e depois o dueto estendeu-se a outro dueto, com as irmãs mais velhas a fazerem quase de protetoras dos irmãos mais novos", diz Mena Mónica, sempre de conversa viva e polvilhada de humor. O tempo em que "as Mónicas" (como chamavam às duas irmãs quando a adolescência as tornou no alvo das atenções masculinas) cresceram era outro: o dos vestidos brancos com folhos, dos lacinhos, das "soquetes". Era suposto as meninas serem dóceis, submissas e terem por único objetivo casar e educar os filhos. Ora Maria Filomena não podia estar mais nos antípodas disto. Ao chegar à adolescência, tornou-se na rebelde que afrontava a mãe. Descobriu o sexo e teve "centenas de namorados". Foi expulsa de um colégio interno de freiras, em Londres, "por organizar greves às missas". Apaixonava-se por bad boys que a tratavam mal e por quem se sentia irremediavelmente atraída. Fez várias tentativas de suicídio. Casou-se apenas porque engravidou (embora ninguém soubesse). Mais tarde, deixou os dois filhos com o pai, quando foi para Oxford tirar o doutoramento, sofrendo a censura social — porque uma mãe nunca abandona as suas crias. Divorciou-se aos 27 anos, num tempo em que não havia divórcios. Maria Filomena haveria de casar-se mais duas vezes: teve três maridos, facto raríssimo numa portuguesa da sua geração.

DUAS IRMÃS, DOIS TEMPERAMENTOS

A irmã mais nova, Teresa, haveria de lhe seguir as pisadas, tendo-se também divorciado e tornado a casar e a ter filhos. "Uma noite, já eu tinha os meus filhos, a Teresa apareceu em minha casa. Estava a chover muito e ela vinha de soquetes", recorda Mena. "Tinha 16 anos e decidira fugir com o namorado..." Foi nessa altura que houve uma maior aproximação entre as duas, enquanto Tó e Isabel, já adultos, também se tornaram mais cúmplices. A diferença de feitios entre as irmãs mais velhas, Mena e Isabel, não se construiu,

segundo elas, na oposição. "É genético", assegura Filomena. "Eu sou mais conflituosa. Adoro guerras, trocas de argumentos. Aliás, a minha mãe escreveu, no livro do bebé, que a minha primeira palavra foi 'não.'" Isabel também não recorda nenhuma rivalidade entre as duas. "Até éramos bastante amigas." Mas "para não criar mais problemas na família", e por ver as discussões que a conduta da irmã provocava, ela manteve-se sempre dócil e afetuosa. "Eu era tão maluca que percebo que a minha irmã tenha ficado um bocado traumatizada", conta Filomena. "Como percebo que a minha mãe perdesse a cabeça comigo."

Conciliadora, Isabel lembra-se de sentir pena da mãe e da irmã ao assistir aos dramas que se desenrolavam em casa. Ela fez o percurso tradicional: casou-se cedo (aos 21 anos), teve um filho, acompanhou sempre o marido, o pintor Luís Pinto Coelho, que foi viver para Madrid, até na vida mais mundana. Maria Filomena acabaria por se casar com um irmão deste. Isabel recusa, no entanto, o carimbo de "fútil" que a "Autobiografia" da irmã lhe parece por vezes colar. "Eu acho que ela não tinha o direito de contar coisas que eram muito pessoais e que diziam respeito aos quatro irmãos", desabafa. "A publicação da 'Autobiografia' foi um momento familiar muito doloroso." Isabel zangou-se com Filomena por causa da memória da mãe, mas passados uns tempos não conseguiu ficar afastada. Disse-lhe tudo o que pensava e fizeram as pazes. "Desatámos a chorar, dissemos o que tínhamos a dizer e ficou o assunto resolvido", conta Filomena. Os mais novos não tiveram a mesma facilidade em perdoar à primogénita. António nunca digeriu a coisa e desde as partilhas da mãe que não se veem. Mena nunca percebeu exatamente o porquê da zanga. Teresa, com quem Mena tinha uma grande proximidade, só regressou há tempos — e continuam sem falar no assunto. Ficou a ser um tabu.

"OS ALMOÇOS DE FAMÍLIA SÃO MAIS DIVERTIDOS DO QUE IR AO FUTEBOL"

São cinco irmãos, educados numa família tradicional e católica. Tratam-se por você, mas não se consideram distantes por isso. Não passa uma semana sem que se juntem todos. Partilham o humor cáustico e garantem que os seus encontros são uma escalada de ruído. O pai era do regime deposto a 25 de abril de 1974, mas houve sempre liberdade para falar de política à mesa. E era de tal modo tolerante que há irmãos de várias cores políticas, do PS ao PPM. Tinham todos alcunhas. Nunca se zangaram nem cortaram relações. As partilhas não foram um problema — ficou tudo para o mais velho, Augusto, porque os irmãos assim o entenderam. A conversa com os irmãos Ferreira do Amaral é marcada pela alegria.

Maria Joaquina é a mais velha. Com 71 anos, ex-secretária de administração, promove todas as semanas o encontro da família em sua casa, “às vezes com 20 crianças”, onde o barulho é descrito como “infernai”. Caracterizada como “muito teimosa” pelos irmãos e “visceralmente antipolítica, por detestar hipocrisia”, decidiu não participar na entrevista, por achar que, na idade deles, “já passaram de tempo”. Segue-se Augusto, de 69 anos, o monárquico da família, fundador do PPM, secretário de Estado em 1962 e ex-ministro da Qualidade de Vida. Cordial e elegante, é advogado. Replicou a matemática familiar: tem cinco filhos. O irmão do meio é Joaquim, de 66 anos, o bonacheirão. Engenheiro mecânico, foi ministro das Obras Públicas durante dez anos, nos governos de Cavaco Silva. Membro do conselho de administração da Lusoponte, é agora administrador não executivo da Semapa. Francisco é o irmão seguinte. Engenheiro químico, de 65 anos, alinhou com a irmã. Finalmente, o benjamim, João. Aos 62 anos, é professor jubilado de Economia no ISEG e foi assessor dos Presidentes Mário Soares e Jorge Sampaio.

Na primeira casa onde moraram, os quatro rapazes dividiam o mesmo quarto. Maria Joaquina, a única rapariga, teve direito a um quarto próprio. Na segunda, em Alvalade, já ficaram dois a dois, os mais velhos e os mais novos. “Aguentei estoicamente o meu irmão Augusto a tocar guitarra à noite durante anos”, graceja Joaquim. Os irmãos garantem que “cada um fazia a sua vida”, muito ao género de “cada macaco no seu galho”, e que não eram muito dados a confidências ou demonstrações de afeto. “Tínhamos pouca intimidade entre nós, como tínhamos pouca intimidade com os pais”, diz Augusto. “Mas esse distanciamento é fundamental, porque dá espaço a cada um.”

Os Ferreira do Amaral partilham uma série de coisas: “o sentido de humor”, cáustico e “trocista”, “a crítica”, os interesses — a História, a Genealogia, a Pintura... “Rimo-nos das mesmas coisas”, resumem. E partilham os valores, transmitidos pelo pai: “A intransigência perante a verdade, o ser visceralmente contra a aldrabice, o acreditar que o dinheiro se ganha pelo trabalho...” Em comum tinham também o facto de serem “muito desarrumados”. E contam a história do concurso promovido pela mãe para ver quem teria o objeto mais estranho em cima da secretária. Ganhou Joaquim, com um olho de coelho conservado em formol.

Completam as frases uns dos outros, embora o ex-ministro das Obras Públicas tenha um certo ascendente no uso da palavra. Recordam uma infância feliz, apesar dos tempos de austeridade e de não haver carro de família (havia um único ordenado, do pai, funcionário público). “Os nossos pais deram-nos o gosto pela vida”, consideram. “Havia muita alegria. Andávamos de elétrico, de autocarro, de comboio, à chuva, a roupa passava de uns para os outros, os livros também, mas era tudo

normal.” Faziam-se contas todas as noites, as férias eram numa casa alugada em Cascais, que a mãe procurava durante uns tempos, mas acreditam que eram mais felizes do que muitas famílias modernas nas quais abundam os bens materiais. Naquele tempo, os irmãos debruçavam-se à varanda da casa na Avenida de Berna, para contar o número de carros na estrada, ao mesmo tempo que os rebanhos de carneiros atravessavam a rua. Nasceram todos em casa. Andaram no Liceu Camões, como os irmãos Lobo Antunes. “Tínhamos de ir de gravata, senão apanhávamos falta”, recordam.

O pai deu alcunhas a todos os filhos, todas começadas por ‘s’: Augusto era o “sensato”, Joaquim o “sempre fixe”, Francisco o “sagaz”, João o “simpático” e Maria Joaquina a “sensível”. O “sensato” Augusto revelou-se o rebelde Augusto quando, aos 16 anos, à lh30 da manhã, foi preso por pintar “Viva o Rei” numa parede da Avenida Joaquim António de Aguiar. De pistola apontada à cabeça, por ter tentado a fuga num táxi, recebeu a visita do pai com imenso medo e a sensação de que iria ficar de castigo para o resto da vida. Mas depois do raspanete enorme, o humor de família veio ao de cima. Já o “sempre fixe”, Joaquim, lembra um episódio em que ficou com a cabeça “emoldurada” numa porta, numa coroa de vidros partidos. Maria Joaquina foi influenciada com o calão, facto a que a mãe não achava graça. Da vivência a cinco destacam “o sentido de responsabilidade”, “o espírito de comunidade”. “A garantia de nunca nos sentirmos sós”, diz Joaquim, que alerta: “Uma sociedade de filhos únicos é complicada. O meu pai era filho único e tinha muita ansia em não os ter. Ter irmãos é uma história em comum. Essa aprendizagem de viver numa microssociedade é muito importante.”

IRMÃOS FERREIRA DO AMARAL



BOA DISPOSIÇÃO
O SENTIDO DE HUMOR É UM DOS PONTOS FORTES DOS FERREIRA DO AMARAL. EM CIMA, JOAQUIM (À ESQUERDA), AUGUSTO (O MAIS VELHO) E JOÃO, (O MAIS NOVO, À DIREITA). EM BAIXO, OS CINCO IRMÃOS (JOAQUIM, FRANCISCO, JOÃO, MARIA JOAQUINA E AUGUSTO) NA PRAIA



LUSO-INGLESES

DA ESQUERDA PARA A DIREITA: GEORGE, MARTHA, ISABEL, LUCY, MARY ANN E MARTIN STILWELL. OS DOIS IRMÃOS QUE FALTAM, PETER E BERNARD, VIVEM NO ESTRANGEIRO (PETER EM MACAU, BERNARD EM INGLATERRA). EM BAIXO, OS OITO STILWELL



"OS IRMÃOS SÃO OS GRANDES EDUCADORES"

São oito irmãos, quatro raparigas e quatro rapazes. Mary Ann, Peter, Martin, Lucy, Martha, Bernard, Isabel e George constituem a escadinha dos Stilwell, dos 66 aos 49 anos. Mas em casa não se ouve nenhum destes nomes. "Mianna", "Lu", "Bá-bá", "Nernie", "Bellie" e "Dodi" são os diminutivos que vigoram no tratamento entre irmãos. Só Peter e Martin escaparam aos *petits noms*. Da educação entre duas nacionalidades e culturas nasceram também dois grupos: o dos mais velhos (quatro), mandados para colégios internos em Inglaterra aos 13 anos; e o dos mais novos, que "escapou" a essa experiência, por motivos económicos. Aos mais velhos, os pais falavam em inglês. Com os dois mais novos entrou o português. Ainda hoje, os seis Stilwell mais velhos falam em português com Isabel e George e em inglês com os restantes. É o que sai...

Mary Ann, de 66 anos, é enfermeira; Peter, de 65, é padre, atualmente a viver em Macau, onde é reitor da Universidade de São José; Martin, de 63, é engenheiro agrónomo especializado em genética; Lucy, de 61, foi assessora de administração numa farmacêutica, antes de se reformar; Martha, de 60, é formada em Química e vive em Portalegre, num monte, onde é empresária agrícola; Bernard, de 56, é arquiteto em Londres; Isabel, de 52, é jornalista e escritora; e, finalmente, George, de 49, é veterinário, professor universitário e autor de livros sobre comportamento animal.

Na divisão dos quartos, as três irmãs (Isabel, Martha e Lucy) dormiam no mesmo, até a mais velha, "Mianna", passar a

ter o dela, aos 8 anos. Martha ficava por cima no beliche e, à força de tanto estudar em voz alta as Invasões Bárbaras e a Revolução Francesa, Isabel aprendeu aquela matéria antes de tempo. Martin e Peter partilhavam outro quarto.

O colégio interno marcou a dinâmica da família. Aos 13 anos, lá iam os meninos para Inglaterra, só regressando a Portugal no Natal. Isso alterou as relações entre irmãos. Isabel só se lembra de Peter quando ele regressou a casa depois do colégio e da universidade, em Londres. Nessa altura, Peter lia-lhe "O Senhor dos Anéis" em inglês. Martin e Lucy detestaram a experiência do colégio interno, Martha amou por já não ter ido — "queria muito", conta. "Eu acho uma violência", confessa Martin, que se tornou mais fechado e sério.

Havia algum filho preferido? Risos generalizados. "Se tivéssemos que eleger alguém, seria o George, por unanimidade", confessa Isabel. "O meu irmão teve um AVC à nascença, e portanto a mãe vivia sempre aflita e ficava muito feliz com cada meta que ele atingia. Mas George era até anormalmente precoce, tendo começado a andar com 8 meses. E assim, de cada vez que um bebé começa a andar na família, a mãe antecipava as façanhas de George..." Os livros são outro dos traços da "cultura da família". "A minha mãe lia para nós", recorda Isabel, e isso transformou-se "numa certa forma que todos temos de contar histórias". Este hábito teve força suficiente para pôr alguns deles a escrever: Isabel, Peter e George têm livros publicados. Mas também se nota noutro hábito familiar: "Todos tomamos banhos de imersão e lemos um livro enquanto estamos 'de molho'", partilha Mary Ann. "E ainda hoje eu, o Dodi [George] e o Nernie [Bernard] adoramos estar na sombra, a ler", acrescenta Isabel.

O sentido de humor é outro aspeto que partilham — porventura o único em que se sentem mais ingleses do que portugueses, como quando são os únicos a rir na sala de cinema...

Filhos de uma "fervorosa católica" — facto raro numa família inglesa, mas historicamente marcante entre os Stilwell, que viram uma antepassada ficar sem cabeça por causa disso —, viveram muito os valores e a fé da mãe. A missa era uma obrigação dominical dos filhos. Já a matriarca ia todos os dias, religiosamente, e "era quem cantava mais alto", lembram, com um sorriso.

"A mãe nunca elogiava o visado, fazia-o sempre a um dos irmãos, e nós só descobríamos depois." Também "nunca houve castigos quando havia más notas nem prémios por haver boas notas". "Mas ela tinha tanta confiança em nós que em todas as minhas ações estava o medo de a desapontar", diz a mais velha, Mary Ann. Todos se casaram — com exceção de Peter, que se casou com Deus, aos 19 anos, dando uma enorme alegria à mãe. "O Peter dizia que queria ser padre desde os 3 anos", contam. "Até se mascarava de padre..." "Hoje, a relação que temos com os nossos filhos é a mesma que tivemos com os nossos pais", explicam. A nenhum dos Stilwell "passou pela cabeça ter apenas um filho". George tem cinco, Martin quatro, Isabel três, Mary Ann, Lucy e Bernard têm dois. E, claro, ter tido irmãos foi crucial para essa decisão. "A maior herança que recebi dos meus pais foram os meus irmãos", assume Isabel. "O que mais nos define é a sensação de pertença, sentir aquela cumplicidade de quem partilhou as mesmas histórias. E o sentido de ter pessoas que, aconteça o que acontecer, estão lá..." Isabel vai até mais longe: "Os irmãos são os grandes educadores." E Martin lembra a vantagem de eles "ensinarem o prazer de dar". Nem que seja... cicatrizes! Nesse momento, três irmãos Stilwell — Isabel, Martin e Martha — agarram-se aos braços uns dos outros e riem-se: "Pois é...!"

IRMÃOS STILWELL



Tenho inveja das mães de famílias numerosas: uma década a passar à frente dos outros na fila do supermercado (e sem gastar um tostão em preservativos)

**TODOS DIFERENTES,
TODOS IGUAIS**

CAMANÉ, 45 ANOS,
PEDRO MOUTINHO, 35,
E HÉLDER MOUTINHO,
43 (À DIREITA)



"SE O CAMANÉ NÃO CANTASSE FADO, NÃO SERÍAMOS FADISTAS"

"Ai de quem diga mal do meu irmão..." Podia bem ser esta a frase que define a união entre os três Moutinho, ligados na profissão como na vida. Camané, o mais velho, tem em Hélder, o irmão do meio, e em Pedro, o benjamim, os maiores fãs. Pela primeira vez, deram uma entrevista

conjunta — eles que tanto lutaram por diferenciar as suas carreiras. Os três fadistas, parecidos como gotas de chuva, falaram das brincadeiras de criança, dos murros que ensinaram o irmão mais novo a dar, das tardes passadas a ouvir música em silêncio, em torno do gira-discos, no quarto que sempre partilharam. Relembra-ram as noites em que Camané chegava de manhã, depois de andar pelas casas de fado, e adormecia a cantar. E de como não seriam quem são hoje sem o ascendente do primogénito.

"Desde os 10 anos, quando começámos a comprar discos, que os ouvimos juntos", conta Hélder. Camané já fazia a sua seleção particular, longe das opções "da moda". A educação musical dos irmãos fez-se em conjunto. "Lembro-me de ter 10 anos, o Camané ter 20, e eu saber as letras todas das músicas da Bethânia e do Chico Buar-

que, porque ele punha o disco a tocar antes de dormir. Eu acordava a ouvir aquilo", conta Pedro, o mais novo. "Ou de quando ele me ensinou a tocar o 'Menino do Rio' na guitarra..." "Acho que os influenciei muito a ouvir música boa", confessa Camané. "Dono" do gira-discos, enquanto irmão mais velho, ouvia as músicas de que gostava "até à exaustão". "Ouvíamos muita música em silêncio, sem abrir o bico..." As influências entre estes irmãos são evidentes — e assumidas. Hélder e Pedro admitem: "A nossa principal referência é o Camané. Se ele não fosse o irmão mais velho e não cantasse fado, nós também não cantaríamos." Sempre houve tradição de fado na família — o bisavô cantava, como os pais —, mas Camané foi aquele que brilhou mais na profissão. "Dele nunca ouvi nada mal feito", elogia Pedro. Neste caso, o irmão mais velho foi mais do

que uma boa referência musical. Hélder e Pedro cresceram a olhar para Camané como o exemplo a seguir. Hélder recorda o primeiro dia de aulas, e os “sábios” ensinamentos do irmão, entre “deves fazer assim, faz assado, não te deixes ficar”... Nas escolas a que Hélder ia chegando, o Moutinho mais velho já era chefe de um bando, o “bando do Camané”... “Ele era mesmo rufia.” Uma vez, quando souberam que Hélder era seu irmão, quiseram vingar-se. Ele obedeceu aos ensinamentos de Camané — e não se ficou. “Eu ia sempre atrás do que ele fazia. Ele para nós funcionava um bocado como um ídolo. E era o melhor em tudo o que se metia”, conta.

Desde que, aos 7 anos, uma doença o obrigou a ficar um mês em casa, Camané ouviu todos os discos que lá existiam. À boa maneira de Pessoa, primeiro estranhou o fado, mas ele depois entranhou-se. Aos 10 anos, Camané sabia e cantava todos os fados tradicionais. Chegou a gravar, com essa idade, discos que hoje não gosta de ouvir — faz-lhe confusão a voz de criança. Depois veio a fase da vergonha. O fado não estava na moda como hoje, ainda era conotado com o antigo regime, e no recreio da escola Camané era considerado “o esquisito”. Lembra-se de ir apanhar o comboio de fato completo — porque ia cantar — e de ser gozado na rua com expressões de “Ó fadista...!” Para Camané, o fado foi também uma forma de expressão que ele encontrou para ultrapassar a timidez natural... Esta é, aliás, uma característica dos três. “Sou mais tímido que o Pedro”, assegura Camané. “Ele é mais extrovertido, mais solto com as raparigas...” “És, és...!”, graceja o mais novo. “Eu não sou tímido”, protesta Hélder, por sua vez. Os irmãos mais novos cantaram no Coro de Santo Amaro de Oeiras — Camané não, era demasiado aéreo. “Vivia na lua...” Mais tarde, Pedro integrou Os Ministars, uma banda de jovens cantores, e teve outra de covers na adolescência. Mas cantava desde miúdo nas casas de fado

às quais os pais o levavam. Já crescido, decidiu trilhar o mesmo caminho do irmão mais velho... Hélder lembra-se de ter tido uma atitude protetora, de o tentar dissuadir. Depois percebeu que era mesmo aquilo que ele queria e deixou-o. Não é evidente apostar numa profissão artística em que um irmão tem uma carreira consolidada. O risco de ser catalogado como “o irmão de Camané” era grande. E, fisicamente, Pedro era muitas vezes confundido na rua. “No início, era mais complicado. Mas temos diferenças a cantar, e as pessoas perceberam.”

NÃO HÁ DOIS SEM TRÊS

Para Hélder, a atração do fado não foi imediata. “Quando era miúdo, cantar era impensável. Só gostava de ouvir o meu irmão. Não estava mesmo numa de ser fadista.” Só aos 15, 16 anos despertou para o fado, “pelos letras”. Lembra-se de Camané o incentivar a escrever. Hélder escreveu duas letras para o primeiro disco do irmão Pedro, que ainda hoje lhe liga a pedir opinião. “Mas quando entregava as letras aos fadistas e começava a cantá-las, as pessoas perguntavam sempre: ‘Porque não cantas as tuas músicas?’” Fez-lhes a vontade e, três discos mais tarde, provou que não era por ter dois irmãos no fado que não havia lugar para um terceiro Moutinho. “Tento fazer diferente, ser o mais original possível. Seguir outro caminho.” Camané interveém: “Hoje, eles são o que querem ser — são uma escolha.” Isso aconteceu porque também se sentiram escolhidos. Não suportam que alguém diga mal dos irmãos, mesmo que seja para os elogiar. “Respeitámo-nos sempre muito uns aos outros.” Nunca meteram cunhas pelos irmãos nem se intrometeram nos percursos uns dos outros. “Pelo contrário, o Camané não passa paninhos quentes”, diz Pedro. A maior dificuldade da mãe é tentar ir ao máximo de concertos dos três filhos — e esforça-se por ser o mais democrática possível. ❁

IRMÃOS MOUTINHO

Irmãos desavindos

1 — Irmãos Ambani (Índia)

Muckesh (55 anos) e Anil (53 anos) são talvez dos exemplos mais exacerbados de zanga entre irmãos. Multimilionários, já moveram processos judiciais um contra o outro desde que herdaram a fortuna do pai. Donos da Reliance Industries, a maior empresa do sector privado da Índia, chegaram ao ponto de, tendo as suas empresas no mesmo edifício, usarem elevadores diferentes para não se cruzarem. Em 2010, reconciliaram-se.

2 — Irmãos Gallagher (Reino Unido)

Liam (39 anos) e Noel (44 anos) têm uma história pública de confrontos. Membros da mesma banda de música, os Oasis — o primeiro como vocalista, o segundo como guitarrista —, chegaram a andar à pancada. Os Oasis estiveram no ativo de 1991 a 2009, quando Liam saiu para fundar os Beady Eye. Curiosamente, apesar de só se ouvir falar nestes dois irmãos, os Gallagher são três. O mais velho (e desconhecido) é Paul.

3 — Olivia e Joan De Havilland (EUA)

Sabia que a Melanie de “E Tudo o Vento Levou” e a Rebeca de Alfred Hitchcock são irmãs? Mas Olivia (95 anos) e Joan (94 anos) nunca se deram como tal, não se falando desde o funeral da mãe, em 1975. A origem da zanga reside no facto de Olivia ser a favorita. “Para mim, é como se Olivia não existisse. Odiámo-nos tanto quando éramos novas que esgotámos o ódio e agora limitamo-nos a ignorar-nos”, disse Joan recentemente.

4 — Irmãs Williams (EUA)

O caso de Venus (31 anos) e Serena (30 anos) não é tanto de rivalidade, mas sim de competitividade instigada pelo pai, que assumiu que uma delas (Serena, a mais nova) seria melhor do que a outra no circuito do ténis mundial. Vénus começou a competir aos 14. Um ano mais tarde, foi a vez de a irmã entrar no circuito e se estrear com uma vitória no Open dos EUA, em 1999.